

## TRADUÇÃO

### NOTAS<sup>1</sup> DE IBN SINA SOBRE A TEOLOGIA DE ARISTÓTELES<sup>2</sup>

Considerações introdutórias.

1. A *TdA* é uma paráfrase dos tratados IV-VI das *Enéadas* de Plotino, enriquecida por trechos acrescentados que apresentam argumentos que partem do pensamento platônico e às vezes o interpretam de uma forma nova e original.

A sua origem deve ser procurada numa antiga coletânea de textos de Plotino, Proclo e Alexandre de Afrodisias, e está ligada ao círculo de al-Kindi, o famoso grupo de tradutores e intérpretes que no fim do século IX estudava as fontes gregas, traduzindo-as e comentando-as, formulando,

---

<sup>1</sup> É incontestável a importância da *TdA* no contexto da Filosofia nascente. Prova desta importância são, sem dúvida, as glosas elaboradas por Ibn Sina (Avicena/Aven Sina) - 979-1037 a respeito do texto pseudo-aristotélico. A posição de Ibn Sina como um dos mais importantes filósofos, senão o mais importante, da filosofia, oferece uma clara indicação da presença e da importância da *TdA* no desenvolvimento da filosofia. Por intermédio dos escritos avicenianos a sua influência atinge, também, a filosofia do mundo ocidental, especialmente sua filosofia do ser - por exemplo na Filosofia do Ser de Tomás de Aquino - desenvolvendo os conceitos de essência e existência, como também a psicologia filosófica, por meio de seus estudos sobre a alma. A influência da *TdA* é, assim D'Ancona " visível na doutrina segundo a qual Deus está além da perfeição e o primeiro inteligível emana do Princípio Primeiro sem mediação, enquanto os inteligíveis seguintes emanam dele através da mediação do primeiro inteligível. A presença de temas da Teologia Islâmica percebe-se particularmente na insistência com que Ibn Sina encara o problema da unicidade de Deus e nas análises que propõe sobre sua onisciência e providência, do destino ultra terreno da alma do homem e do papel fundamental que o profeta assume não somente na religião, mas igualmente na sociedade". <sup>1</sup>

Sem data conhecida, opina-se que o texto das glosas é tardio na produção de Ibn Sina, isto em razão das semelhanças com a obra al-Sifa (*A Cura*) conhecida somente por meio de rascunhos incompletos.

<sup>2</sup> Tradução a partir da versão francesa, publicada na *Revue Thomiste* por ocasião do milênio egípcio de nascimento de Ibn Sina, junto com o artigo *En honneur du millénaire d'Avicenne*, por Georges VADJA.

Por enquanto apresentamos tão somente a tradução, abstendo-nos, de qualquer tipo de comentário.

desta forma, a base para a filosofia árabe. De uma dispersão fortuita desta coletânea nasceram várias obras entre as quais as mais importantes são a *TdA* e o *Livro das Causas*. Assim sendo, pode se afirmar que a *TdA* é uma obra que surge ao redor dos anos 800-900, é de inspiração neoplatônica e é atribuída a Aristóteles como uma complementação de sua Metafísica tendo como finalidade a teologia.

O Prólogo que antecede o texto atual e que indica o nome de bem Naima como tradutor já diz respeito ao seu percurso histórico. A menção de Porfírio como autor da paráfrase, embora aceita por muitos, parece carecer de probabilidade em vista das doutrinas apresentadas. No ocidente o texto se torna conhecido numa versão mais longa – 12 capítulos - baseada na tradução latina feita em 1516 pelo judeu Moisés Arovas depois da sua descoberta em Damasco por Francesco de Rossi, enquanto uma outra mais curta – 10 capítulos - é baseada nos manuscritos árabes sendo atualmente a mais usada e, por isso, chamada de *Vulgata*.

2. O *conteúdo e objetivo*. Diz a *TdA* na sua versão mais curta que o seu objetivo é a “doutrina primeira a respeito da divindade, a explicação a seu respeito, que Ela é a Causa Primeira...”. Este objetivo é desenvolvido em dez livros que tentam explicar um elenco de 141 questões que se caracterizam como uma explicitação do objetivo formulado. Nelas se encontra uma explicação da hierarquia dos seres que procedem do Primeiro Princípio, as relações e semelhanças do cosmo superior e inferior, as características próprias do mundo inteligível, a alma universal, as estrelas, o mundo sublunar, sensível e a descida da alma para ele com todas as suas implicações e conseqüências. Tudo isto além de uma série de outros assuntos ligados a estes principais.

De grande importância são os chamados acréscimos, trechos que não constam do texto plotiniano, e não sendo, portanto, propriamente paráfrases. Neles se verifica uma doutrina que pode ser classificada como monoteísta e criacionista, visto que afirma o Uno como Ser Originário e Primeiro, Criador de todas as coisas e que distribui o ser sobre o todo mediante a Inteligência (o primeiro criado, que não cria). Esta adaptação é inspirada no livro sagrado Alcorão que proclama a unicidade absoluta de Deus e a dependência de tudo dEle.

3. *Influência*. É opinião corrente que a *TdA* representou um papel fundamental na estrutura do neoplatonismo islâmico e a partir daí na formação da filosofia, com Al-Farabi e Ibn Sina como personagens principais. No Ocidente as suas ideias se propagam principalmente por meio do *Livro das Causas* em que há claros sinais de dependência direta e indireta, por meio da qual se difundem, então, idéias caras a *TdA*, como a identificação do Primeiro Princípio

pio com o Ser e a doutrina da Criação. A TdA em si, por causa de sua tardia entrada no mundo filosófico ocidental e já na época do surgimento de métodos de crítica de textos, teve, no ocidente, um impacto relativamente pequeno.

### Literatura

PSEUDO-ARISTÓTELES, Teologia, traducción Del árabe, introducción e notas: L. Rubio, Madrid: **Ediciones Paulinas, 1978.**

PSEUDO-ARISTOTLE IN THE MIDDLE AGES. The theology and other texts. Edited by Jill Kraye e alii. London: Warburg Institute/University of London, 1986

DICTIONNAIRE DES PHILOSOPHES ANTIQUES,dir. Richard Goulet, CNRS Édition, 1994.

ATTIE FILHO, M. Falsafa, a filosofia entre os árabes – uma herança esquecida. S.P. Ed. Palas Athena, 2002.

### Tradução

#### TdA I, 1<sup>3</sup>

Como ficou claramente provado que a alma é incorpórea, imortal, indestrutível e imperecível, e que, deste modo, ela é permanente e eterna,

#### IS (Ibn Sina)

*O autor não quer dizer que a alma do homem existia anteriormente ao corpo durante determinado período de tempo em que ela não era jogada no corpo e não se revestiu com ele, e que em seguida entrou nele, porque o absurdo desta tese foi demonstrado nos livros [de filosofia]. Isto, entretanto não impede a alma de ser imortal. De fato, o sentido é que a alma nunca podia se encontrar abstraída do corpo, como o são as formas inteligíveis, de que trata a Metafísica, mas que ela possui, inicialmente na sua natureza, uma ligação e uma inclinação em relação ao corpo.*

#### TdA I,2

Nós queremos pesquisar como a alma se separou do mundo inteligível e desceu neste mundo sensível corporal e se localizou neste corpo grosseiro, comprometido com a dissolução, submisso à geração e corrupção. Afirma-mos que ela é somente uma substância inteligível, que possui uma vida inteligível, não recebendo nenhuma impressão [material]; esta substância

---

<sup>3</sup> A abreviação IS indica o comentário de Ibn Sina.

repousa no mundo inteligível, onde é estabelecida firmemente, de modo permanente, e donde ela não se afasta.

## IS

*[O autor] quer explicar que a substância da alma humana não é uma substância que atinge a perfeição desde o começo de sua existência, de forma que desde a sua constituição gozasse da existência perfeita como é o caso das substâncias inteligíveis primeiras. Pelo contrário, ela é uma substância que se aperfeiçoa graças aquilo que nela se realiza, mediante de uma espécie de aquisição e procura. É preciso que ela experimente um desejo natural de procurar esta perfeição, embora vez por outra dela se desinteresse. [Mas] antes [de falar desta substância desejante, o autor] define o estado das substâncias inteligíveis, afirmando “toda substância inteligível”- isto quer dizer, separada da matéria - “somente” - isto é, não tendo ser, nem entelêquia que não seja inteligível, imaterial [e] absoluta – possui, em ato, a intelecção de sua essência, como também dos princípios e das conseqüências implicadas por esta essência compreendida desta forma. E [esta substância] é inteligente por sua essência porque esta é imaterial, inteligível em relação àquilo que lhe pertence e àquilo que pode se ligar a ela. Qual é, então, a sua situação “vis-a-vis” de si mesma? A partir do momento que ela pensa a si mesma, [à razão mais forte] lhe é possível pensar os inteligíveis que vem imediatamente depois dela. No caso de tal substância, o possível é equivalente ao necessário, porque, neste caso, trata-se de uma substância inalterável e presumido [ficando] na sua perfeição primeira. Para esta substância, então, os inteligíveis imediatos serão objeto de intelecção, da mesma forma que os inteligíveis imediatos destes últimos, assim como os inteligíveis que derivam da reunião das duas ordens precedentes. Desta forma o mundo inteligível será objeto de intelecção para ela. É, precisamente, “a vida intelectual” cuja natureza [Aristóteles] nos seus livros, e que é, de acordo com seu ensino, a mais excelente e mais deliciosa de todas as vidas, Ficando o deleite da ordem sensível e racional abaixo disto. “No mundo inteligível”, quer dizer, no mundo da liberação das ligações materiais, sem se misturar com ele, sem se virar para ele nem se revestir com qualquer um de seus estados. “firmemente estabelecido, de modo permanente, sem se afastar dele”; em outras palavras, esta liberação e este isolamento não são intermitentes, mas permanentes, porque sua causa é a autarquia devida à perfeição primeira no ser que, por sua firmeza e permanência, dispensa a procura de [toda] perfeição posterior. Não existe, então, para esta substância nenhum degrau a ser procurado, nem perfeição a ser almejada e ela não deseja, absolutamente, outra coisa do que aquilo que nela é realizado.*

## TdA

“E toda substância inteligível que possui algum desejo vem depois da substância que é somente inteligência, sem desejo. Quando a inteligência engendra qualquer desejo, ela, de certa forma, se compromete com este desejo”.

## IS

*“Toda substância inteligível”, isto quer dizer: enquanto ela é substância sem necessidade de subsistir pela matéria; “atingido por um desejo”, quer dizer aquela que tem necessidade que [nela] se realize uma coisa que ainda não é realizada, “vem depois da substância que é somente inteligência”: dito de outro modo, considerando que ela não encontra a perfeição no estado primeiro em que é constituída, ela pertence ao segundo escalão, isto ela não é [mais] puramente inteligível na constituição de sua essência e na sua entelêqueia que segue a esta constituição. Entretanto, tudo estando - tomada em si mesma - liberada da matéria, quanto à perfeição de sua essência que está ainda para se realizar [ela é inferior ao estado em que se encontrava] antes de ter tido necessidade da matéria. Desta afirmação, [pode se oferecer] uma demonstração irrepreensível. De fato, todo estado que é produzido depois de não ter sido depende de movimentos corporais e é atribuído ao movimento circular. Esta demonstração não vale na medida em que a produção de um estado novo e a mudança são estados corporais, mas enquanto são a produção de um estado novo e de uma mudança. Sendo assim, é inadmissível que uma tal substância, que não possui suas perfeições em sua constituição primeira, seja puramente inteligível, isto é, liberada sob todos os aspectos da matéria e de suas ligações. “Quando a inteligência concebe um desejo”, sua procura do objeto deste desejo é exercida numa ordem [de ser] que não é aquela própria da inteligência. Com efeito, a ordem [de ser] da inteligência é clara, radiante [e] generosamente distribuída; sua efusão realiza-se num objeto porque, na substância, não existe nem dúvida nem defeito. Ora, se é possível para [a substância inteligível do segundo escalão] que esta imperfeição desapareça e se lhe é possível o desejo de se separar dela, daí segue, necessariamente, que ela deve procurar isto no domínio da mudança, não naquele da estabilidade, porque esta última não lhe é intencionalmente aversa da supressão desta imperfeição, mas por causa de uma insuficiência que possui nela mesma e da necessidade que tem de um polimento que deve se realizar de um outro lado”.*

## TdA

“E não reside no seu primeiro lugar porque ela experimenta um grande desejo pela ação e pela beleza das coisas que tem visto na inteligência”.

## IS

*“O texto” ‘vê na inteligência’ é alterado. Se, de fato, a alma tivesse visto o mundo inteligível, ela teria chegado à perfeição, porque a visão de uma coisa é a recepção de sua forma. Efetivamente, o texto quer falar da visão das coisas que estão na inteligência, dito de outra forma, [a alma] deseja vê-las na inteligência. Em suma, [trata-se aqui] do desejo no sentido global, não como tendo um determinado objeto. Como daquele que deseja a cópula carnal sem a ter conhecido, nem ter experimentado o prazer que dá, ou dos animais desprovidos de razão que desejam globalmente, o objeto não se explicitando somente quando alcançado”.*

TdA

“(Como a mulher grávida à qual as dores do parto fazem produzir o que ela carrega nos seus flancos), da mesma forma a inteligência, quando ela, pela forma do desejo, tiver se representado no objeto desejado, [sente a necessidade] de fazer passar em ato a forma que contém”.

IS

*“Ele tem necessidade de que o aperfeiçoamento pelas formas inteligíveis, que de modo virtual possui em si, torne-se existente em ato”.*

TdA

“E presa por uma cobiça violenta, ela é tomada por dores de parto e faz passar [esta forma] ao ato, por causa de seu desejo pelo mundo sensível”.

IS

*“Deve-se dizer “e seu desejo pelo mundo torna-se violento”, porque este mundo, como explicamos, é aquele onde se procura a abstração”.*

TdA

“(Uma vez que a inteligência recebeu o desejo a nível inferior [?], a alma se forma a partir dela), e a alma é, então, somente inteligência que é formada pela forma do desejo”.

IS

*“A alma é uma coisa [= entidade] intelectual, liberada, quanto à sua essência, da matéria em que se produziu uma forma de desejo pelo mundo sensível. É por isto que esta forma é produzida – e é graças a ela que [a alma] se une ao mundo sensível – é alma; ela o é somente porque é entelqueia de um corpo natural orgânico”.*

TdA

“Mas, a alma experimenta ora um desejo natural, ora um desejo particular. No primeiro caso, ela produz formas universais em ato e as governa segundo um modo inteligível, universal, sem se separar de seu mundo universal. [Mas] quando ela deseja as coisas particulares que são formas para suas formas universais, ela as enfeita e as aumenta em pureza e beleza, ela conserta as falhas, que poderão lhes ter acontecido e as governa de um modo mais elevado e mais eminente do que fazem as suas causas próximas, que são os corpos celestes”.

IS

*“O objeto do desejo por meio do qual a alma adquire a perfeição é tanto uma coisa universal como uma coisa particular. No primeiro caso, ela realiza em ato a forma universal [desta coisa] e age sobre ela de acordo com um modo universal, “sem separar-se de seu mundo” inteligível, “universal”. Em outras palavras, mesmo se, de certa forma, a alma está no corpo, pode se lhe reportar aquela inteligência, enquanto se considera a alma em si mesma e enquanto que ela se une às inteligências ativas*

*sem se separar delas, inclinando-se para outros [seres]. E se este desejo tem como objeto as coisas particulares, que são formas nas matérias, imitando as formas universais, a alma “enfeita e aumenta-as em pureza e beleza”, etc. Isto quer dizer que a alma aumenta as coisas procedendo sobre elas aquelas operações abstrativas de que se fala nos tratados Sobre a Alma e Sobre a Sensação e o que tem Sentidos. A mais excelente entre elas é a abstração intelectual que as despoja de seus consequentes materiais e daquilo que os cobre como um invólucro, [elementos] que se toma como partes integrantes das próprias substâncias destas formas, mesmo sendo nada delas. Assim, os estados sensíveis são considerados como fazendo parte do verdadeiro ser das coisas, mas isto não é assim. Pelo contrário, a alma racional purifica-as destas cascas e libera-as destas consequências estranhas que agem sobre elas de um modo mais excelente que o fazem [suas] “causas próximas” que são – como o texto ensina – “os corpos celestes”. De fato, as causas próximas fazem as formas aderir às matérias e as consequências das matérias. Deve-se, então, saber que a função dos corpos celestes consiste na preparação e na acomodação gradual. E como as formas específicas [que emanam] dos princípios incorporais. Se o texto fala dos corpos celestes, isto é unicamente porque são estes que a esta forma associam a parte da influência das cascas materiais que lhes cabe. Em relação aos princípios incorpóreos, as formas emanam deles conforme a maneira em que se encontram neles. Mas uma vez unidas ao modelo, circunstâncias secundárias inevitáveis aparecem e as paixões, que são continuas entre as coisas celestes e terrestres quando cada uma delas vem a jogar seu papel apropriado”.*

TdA

“Porque as almas são todas viventes, difundidas de um principio único, mas cada uma possui uma vida que lhe é adequada e adaptada; elas são todas substâncias, incorpóreas, indivisíveis. Quanto à alma humana, ela tem três partes: vegetativa, animal e razoável; ela se separa do corpo quando este se desfaz e se dissolve”.

IS

*“Ela se separa... se dissolve, isto quer dizer, a alma humana que é a base e que possui estas faculdades. O que é verdadeiro é que o homem e todo animal possuem uma alma que é única [para cada um]. Esta tem numerosas faculdades de efusão, daquelas de que é a fonte. Mas cabe a uma outra pesquisa estabelecer quais faculdades da alma perduram com ela”.*

TdA

“Mas a alma imaculada e pura que não se tornou impura nem suja pelas maculas do corpo retorna rapidamente e sem demora àquelas substâncias, ao se separar do mundo da sensação”.

## IS

*Uma alma deste tipo volta sem grande esforço para seu mundo, quando se separa do corpo. Digo: a alma adere ao corpo para possuir o adereço próprio às coisas inteligíveis. É o adereço inteligível e a possibilidade da união com as substâncias superiores às quais pertencem a alegria, a beleza e o esplendor verdadeiros. O método [a ser adotado] pela alma é fazer do corpo e dos órgãos corpóreos meios para adquirir a perfeição que pertence - rigorosamente falando - somente a ela. Sabe-se que o cuidado dispensado ao lado inferior separa a alma do lado superior, exatamente como [de forma recíproca] o fato de virar-se para o lado superior separa do lado inferior. De fato, não é em razão de suas relações com o corpo que a alma é separada da perfeição superior, quando não usa o corpo de modo conveniente, mas [isto acontece] por causa de uma disposição que aparece nela em razão de uma orientação [que ela adota]. Quando a alma se torna corpórea e nela se estabelecem as disposições que a submetem às coisas corpóreas, como a concupiscência, a ira e outros [semelhantes] e quando, ainda por cima, estas disposições se tornam nela hábitos, a alma é, depois [de sua separação do corpo], praticamente a mesma que ela era no corpo e se encontra separada do mundo superior. “As máculas” são as aderências baixas e vis, contrárias à natureza e impróprias, afetando a coisa que, comparando com elas, é pura. [Mas] quando a alma se separa do corpo, numa disposição favorável à subida, ela fica unida com o mundo superior, revestida de beleza resplandecente, cortada do mundo em que se encontrava”.*

## TdA

“Em relação à alma que está unida ao corpo, se lhe é submissa e se tornou, por assim dizer, corpórea por ter mergulhado sem medida nos prazeres e nos desejos do corpo. Ela não se reunirá ao seu mundo, quando se separar do seu corpo, a não ser a muito custo, depois de ter jogado para fora dela toda sujeira e impureza que se tinha ligado a ela no corpo”.

## IS

*“Quando ela se separa do corpo, ela somente se reúne a seu mundo com muita dificuldade”, isto é, ela sofre um castigo grande e violento até que se apague dela toda impureza e sujeira que se colou a ela por causa do corpo. De fato, estas impurezas perduram somente graças aos atos maus; estes cessando, é possível, e até necessário, que sejam suprimidas”.*

*Dificuldade. “Vós pretendestes demonstrar que as disposições e as enteléquias, chamadas a se produzir na alma, somente se realizam através do corpo; da mesma forma, a supressão das disposições só se produzirá por meio dele, porque a coisa não se suprime por si mesma. O caso da supressão deve ocorrer como o da produção. Efetivamente, nós sabemos que a causa do não ser da coisa - depois de ela ter existido - é, por um lado, a disposição da alma racional na posse de sua natureza particular que a especifica quando estiver livre de seu corpo ou, por outro, qualquer causa*

*exterior, seja permanente, cuja [ação] nunca acontecerá novamente, seja agindo exatamente desta maneira. [Se nenhuma dessas causas intervier] desta maneira. a disposição de que se trata não é suprimida. Se a causa desta [supressão] era a disposição da alma racional ou uma das causas permanentes, será necessário que, tão logo desligada do corpo, a alma seja libertada de suas maculas; pois, não haverá nenhum proveito para sua purificação durante sua jornada no corpo e para sua ascense durante o tempo que ficar ligada a este mundo; pelo contrário, suja ou pura, a sua situação no momento de sua separação seria a mesma. De fato, sem a intervenção de uma causa nem as impurezas poderiam enfraquecer, nem as influências que se exercem sobre ela poderiam assumir uma nova força. Quando nenhuma situação nova acontecer, as coisas ficarão como estão e continuarão estáveis. Por isto é preciso que a purificação das máculas não seja posterior à separação da alma e do corpo. No caso de esta causa ser uma daquelas cuja ação acontece de novo, talvez isto fosse a migração para um outro corpo. Mas, se esta migração acontecer nos corpos de animais brutos e de feras, estes corpos, longe de apagar as máculas, seriam ainda mais afetadas por elas. Num outro corpo humano, a situação seria a mesma que no corpo precedente. E não foi confirmado que, na maioria dos casos, os poderes sensíveis levam vantagem no corpo? Ora, a natureza não faz depender as obras saudáveis, que ela almeja, das coisas que não se produzem com igualdade [de chances] ou [mesmo somente] na minoria dos casos. Se esta causa for o movimento dos corpos celestes ou, então, de outras coisas dependendo do movimento, seguir-se-á que a coisa imaterial é repelida longe (?) dos movimentos corporais, sem que ela se produza pelo intermédio de uma matéria que lhe é associada. Talvez a verdade seja esta: as disposições ficam enraizadas nas almas e não se encontram suprimidas de forma alguma. Para a solução destas dificuldades, remetemos à “Sabedoria Oriental”.<sup>4</sup>*

TdA

“Em seguida, ela volta ao seu mundo donde saiu, sem que morra ou se aniquile – em oposição ao que alguns pretenderam – porque ela está ligada ao seu corpo, mesmo se estiver afastada ou distanciada dele. E não é possível que algum ente morra, porque são entes reais que não se dissolvem nem morrem, como já dissemos mais de que uma vez. E o que deveria ser exposto à opinião daqueles que só aceitam doutrinas através de raciocínio e demonstração, nós o expusemos sucintamente de acordo com sua realidade e verdade. Em relação àquilo que deve ser exposto à intenção daqueles que só tem doutrinas como verdadeiras se for por meio de prova sensível direta, nós a expusemos adotando como princípio de nosso discurso, aquilo que é admitido comumente tanto pelos antigos como pelos modernos. De fato, os

---

<sup>4</sup> Sabedoria Oriental.. Em resumo poderia se dizer que esta misteriosa Sabedoria Oriental seria como o testamento (perdido? Deixado inacabado?) na qual Ibn Sina teria nos legado seu pensamento definitivo (cf. GARDET, o.c. p. 334).

primeiros são unânimes em professar que a ira de Deus se abate sobre a alma maculada e escravizada por seus desejos corporais. O homem deseja, então, avidamente voltar atrás de suas ações corporais, se enche de ódio pelas cobiças do corpo e se coloca em humildade diante de Deus, implorando-o de expiar os seus pecados e de aceitá-lo de volta na sua graça. Lá em cima, os homens virtuosos estão em harmonia com os homens perversos. Eles estão, também, em harmonia para invocar a misericórdia de Deus sobre seus mortos e ancestrais desaparecidos e imploram, para eles, o seu perdão. Se não tivessem a certeza da permanência e da imortalidade da alma, não teriam este costume e este não teria se tornado uma espécie de regra natural, necessária e obrigatória”.

#### IS

*“Em seguida volta a seu mundo, de onde saiu”. Em outras palavras, ela fica situada, especialmente, na direção de seu mundo, onde sua existência tem seu principio, “sem morrer nem se aniquilar”. “A corrupção não pode atingir nenhum ser cujo lugar é no mundo imaterial e permanente, porque estes seres são seres reais”. Em outras palavras, a matéria lá não se mistura, porque isto implicaria a mistura de qualquer coisa em potência na sua substância que existe [em ato]. “Porque estes são seres que não se dissolvem nem morrem, como já afirmamos”. Isto quer dizer que aquilo que é corruptível é matéria. “A cólera de Deus” está longe da união com o mundo superior angélico, onde se encontram a felicidade suprema e o esplendor completo. Se [os homens] suplicarem avidamente o perdão, é porque eles se sentiram instalados em disposições estranhas [e] contrárias [à perfeição] e que desejam [exatamente mudar] no contrário. “Invocar a misericórdia de Deus sobre os mortos” é uma maneira de pedir, por meio de orações, a ajuda da efusão divina. [Para detalhes mais completas] reportar-se à “Sabedoria Oriental”.*

#### TdA

“E quando voltei ao mundo do pensamento refletido e do discurso, este pensamento escondeu-me esta luz e este esplendor”.

#### IS

*“O autor diz: “O pensamento refletido escondeu-me esta luz e este esplendor”. Eu digo: [Mesmo] o despojo sem mistura e a conversão [exclusiva] para a verdade são vividos numa imperfeição [que nos impede] de chegar lá; com mais razão, quando surge no espírito uma outra coisa do que aquela, a partir da qual nós chegamos lá. Por “outra coisa” entendo os princípios exigidos para o pensamento discursivo. Porque quando a alma está ocupada com uma coisa, ela se afasta das outras e se encontra separada delas por uma tela, mesmo que o pensamento discursivo siga, vez por outra, um caminho [que conduz] a uma percepção bastante vasta do mundo superior. Mas a percepção é uma coisa e a contemplação verdadeira é outra. Esta segue àquela, enquanto a atenção é orientada ao Uno verdadeiro, cortada de*

*tudo que está ao seu redor e que a impede de dirigir seu olhar para ele. Com a percepção produz-se, neste nível, um sentimento de objeto experimentado como apropriado e delicioso, que é o esplendor da alma pura, que é deste modo libertada de toda provação; e atingindo o objeto de amor que é, deste modo, por si mesmo, não somente enquanto percebido e intelectualmente apreendido, mas também enquanto objeto de amor na sua substância. E se as preocupações já colocam uma tela diante da percepção, como não será no caso da contemplação verdadeira! Afirmo que somente a experiência pode te ensinar sobre este ponto que não pertence àqueles que se apreendem, facilmente, pelo raciocínio. No caso de cada percepção sensível, uma vez feita a parte do raciocínio, as modalidades particulares são somente conhecidas pela experiência. Não é pelo raciocínio, nem pelo prazer mais vivo que se aprende o sabor. O raciocínio pode, no máximo, conceber dele a afirmação global [sem] precisão. Isto vale, também, para o deleito intelectual e o ponto mais alto dos estados da contemplação da beleza suprema. O raciocínio te ensina somente o que é o esplendor mais excelente, mas a qualidade própria deste esplendor somente te pode ser ensinada por contato direto, e isto não é concedido a todo mundo”.*

TdA

“E me lembro, agora, do Heráclito que recomendou o exame e a pesquisa sobre a substância da alma e o desejo da ascensão ao mundo superior nobre dizendo: “aquele que deseja isto e se eleva ao mundo superior recebe, necessariamente, a recompensa mais bela”.

IS

*“Retribuição” significa, de acordo com o uso corrente [da língua], aquilo que é dado em contrapartida a um esforço, para o bem ou para o mal. No presente contexto, o esforço é o trabalho que a alma se dá para se desviar do seu objeto imediato de amor que é o corpo, para dedicar a sua atenção ao objeto do verdadeiro amor. Isto, no começo, não acontece sem um esforço penoso, e precisa se de treinamento para que isto se torne uma verdadeira natureza. A recompensa que corresponde a este esforço será a felicidade no além”.*

TdA

“Em relação ao Empédocles, este disse: ‘as almas estavam num lugar elevado e nobre; quando, porém, pecaram, foram rebaixadas para este mundo’. E ele veio, também, para este mundo fugindo da ira de Deus”.

IS

*“O autor [diz]: “Quando elas pecaram”. Dito de outra forma: a partir do momento que foram imperfeitas, o seu ser primeiro só podia ser este. “Foram rebaixadas”, isto significa que era preciso elas descerem a título de causa exemplar (?) de sua vida, unindo-se ao mundo sensível. “E elas vieram para este mundo, fugindo da cólera de Deus”. Isto é: fugindo da imperfeição de sua substância que as teria mantido longe da providência*

divina. [Se] alguns filósofos falam [tratando desta tese] da metempsicose, isto ocorre porque a alma perversa se encontra, depois da separação do corpo, em disposições corporais perversas, e é somente neste momento que é percebido seu castigo; e isto é, como se fosse enviada de volta no corpo; e isto muitas vezes significa somente o efeito de uma espécie de ilusão imaginativa, à qual é feita alusão nos seus livros. Isto equivale a dizer o seguinte: a alma veio a este mundo pelo efeito da misericórdia de Deus para com este mundo e para enfeitar este, de maneira que nele haja vida e inteligência. De fato, este mundo não teria sido perfeitamente ordenado enquanto teria faltado a vida inteligível que nele é possível. E a partir do momento que isto foi possível para ela, foi necessária que a emanção tivesse lugar a partir da Providência divina que é pura generosidade. Por outro lado, não foi possível que as partes deste mundo tivessem uma vida inteligente sem alma. É esta a razão que [Deus] a estabeleceu aqui para que este mundo fosse aperfeiçoado por ela e para que nele se achasse o que é possível para cada coisa que existe no mundo inteligível, isto é, que a matéria corporal fosse informada lá, na medida do possível, por uma forma que imite a verdadeira forma inteligível, e que ela possuísse uma espécie de vida como aquela lá de cima e que houvesse aqui um princípio de vida inteligível como lá em cima”.

TdA

“[Platão] diz que a causa dos seres latentes [=idéias] incorporais e das coisas corporais é a mesma, a saber, o Ser Primeiro verdadeiro, que é a causa dos seres inteligíveis eternos [e] dos seres sensíveis transitórios; Ele é o bem puro e [a denominação de] bem não convêm à coisa nenhuma fora Ele”.

IS

Platão julgou de forma excelente, formulando um princípio idêntico - a Verdade primeira - para a verdade inteligível e para o ser existente no sensível, e ensinou, de forma excelente, que “o bem não convêm a coisa nenhuma fora Ele”, porque o bem em toda coisa significa existir de acordo com a mais perfeita das formas de ser que lhe são próprias. Ora, toda coisa considerada em si mesma, feita abstração de seu aspecto de dependência em relação à Ordem divina, é essencialmente perecível, o que significa o mal extremo, enquanto a existência e o bem que lhe são próprios provêm, unicamente, de Deus. Toda coisa é, por assim dizer, uma mistura do bem e do mal: considerada em si mesma ela é deficiente não possuindo nenhum bem; considerando [enquanto dependendo do] Uno, ela recebe o bem conforme seu lugar e seu degrau. Mas, [o Ser] Primeiro [tem] sua existência, sua perfeição, sua eminência e seu esplendor dele mesmo e nenhuma outra coisa mistura-se com isto. Os outros seres se encontram em um dos [seguintes] estados: ou, então, são tanto em potência como em ato em relação à sua entelêquia, ou, então, são [a um nível do ser] superiores ao que os precede, sem possuir, por eles próprios, o ser em ato, mas recebendo-o de outrem, de sorte que o ser em ato não lhes pertence sob todos os aspectos e relações Mas, considerados em si mesmos, não possuem o ser em ato sem que sua existência, entretanto, seja impossível; considerados, então, em si mesmos,

*o que lhes é característica é a contingência, que sob um outro aspecto é um poder de qualquer modo, mas ligada a esta contingência, encontra-se a necessidade do fato de outrem. E não há contradição no fato de uma coisa ser contingente em relação a sua própria essência, mas necessário ao fato de outrem. Em compensação, [o Ser] Primeiro - que seja exaltado o seu poder - é necessário por si mesmo”.*

TdA

“Como é bela e justa a qualificação feita a respeito do Criador pelo Filósofo quando diz que Ele criou a inteligência, a alma, a natureza e todas as outras coisas. Que, portanto, aquele que ouve o ensinamento do Filósofo não creia falsamente que Deus criou as criaturas no tempo. Esta idéia falsa pode efetivamente resultar do teor literal de suas palavras. Mas, ele se expressou unicamente desta forma para se conformar à maneira de falar dos Antigos. Estes se viam obrigados a usar o termo “tempo” quando falam do começo da criação porque eles quiseram descrever o nascimento das coisas, o que os obrigou de introduzir o “tempo” na sua descrição do nascimento e da criação, que [entretanto] não teve lugar no tempo”.

IS

*“O proceder do ato a partir da Verdade primeira oferece, com relação ao começo absoluto, uma posterioridade não temporal, mas somente lógica, da forma que está explicado nos livros. Somente quando os Antigos quiseram expressar [uma relação de] causalidade e se vendo na necessidade de falar de anterioridade – esta anterioridade implicando, verbalmente, o tempo e, conceitualmente, também para aquele que não é familiar com a filosofia – a sua maneira de falar fazia acreditar falsamente que o ato do [Ser] Primeiro verdadeiro é uma ato temporal e sua anterioridade, anterioridade temporal. Ora, isto é errado”.*

Tradução:

Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen

Profa. Dra. Francisca Galiléia Pereira da Silva